

ENTRE A ALFABETIZAÇÃO E A INCLUSÃO ESCOLAR: DESAFIOS E POSSIBILIDADES PEDAGÓGICAS EM UMA TURMA HETEROGÊNEA DO 3º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Vanda Rafaelle Lopes Santos Menezes

*¹Secretaria Municipal de Educação de Viamão, Viamão, Rio Grande do Sul, Brasil
(vanda.menezes@edu.viamao.rs.gov.br)*

Resumo: O presente trabalho apresenta um relato de experiência desenvolvido em uma turma heterogênea do 3º ano do Ensino Fundamental composta por estudantes com diferentes níveis de aprendizagem, incluindo alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA), TDAH e Transtorno do Desenvolvimento da Aprendizagem. O estudo analisa estratégias pedagógicas inclusivas e adaptações curriculares implementadas durante o primeiro trimestre letivo, relacionando-as aos avanços observados nos processos de alfabetização, participação e desenvolvimento dos estudantes. Os resultados evidenciam que a flexibilização curricular e o planejamento inclusivo favoreceram a aprendizagem e o engajamento de toda a turma.

Palavras-chave: Educação inclusiva; Alfabetização; Adaptações Curriculares; Ensino Fundamental; Práticas Pedagógicas.

INTRODUÇÃO

A consolidação da Educação Inclusiva nas escolas brasileiras tem ampliado o acesso de estudantes com diferentes características e necessidades educacionais ao ensino regular. Entretanto, garantir o acesso à escola não significa, necessariamente, assegurar a participação e a aprendizagem de todos os estudantes. Nesse contexto, o professor passa a enfrentar o desafio de planejar e desenvolver práticas pedagógicas capazes de contemplar uma crescente diversidade de perfis de aprendizagem presentes em uma mesma sala de aula.

Nos anos iniciais do Ensino Fundamental, esse desafio torna-se ainda mais evidente durante o processo de alfabetização. Embora as políticas educacionais estabeleçam expectativas de aprendizagem para cada etapa escolar, observa-se que um número significativo de estudantes chega ao 3º ano sem ter consolidado as habilidades básicas de leitura e escrita. Essa realidade exige dos professores a reorganização constante do planejamento pedagógico e a adoção de estratégias capazes de atender simultaneamente estudantes em diferentes níveis de desenvolvimento.

Além das defasagens relacionadas ao processo de alfabetização, as turmas escolares têm se tornado cada vez mais heterogêneas, reunindo estudantes com necessidades educacionais distintas, incluindo alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA), Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH), transtornos específicos de aprendizagem e outros perfis que demandam adaptações curriculares

e metodológicas. Nesse cenário, a inclusão escolar não pode ser compreendida apenas como a oferta de atividades diferenciadas para estudantes com diagnóstico, mas como a construção de práticas pedagógicas flexíveis que favoreçam a aprendizagem de todos os alunos.

Segundo Mantoan (2015), a educação inclusiva pressupõe a reorganização das práticas escolares para atender à diversidade sem promover processos de exclusão ou segregação. Essa perspectiva encontra respaldo nos estudos de Vygotsky (2007), ao defender que a aprendizagem ocorre por meio das interações sociais e das mediações estabelecidas no ambiente escolar. De forma complementar, Wallon (1975) destaca que os aspectos afetivos e relacionais influenciam diretamente o desenvolvimento e a construção do conhecimento.

No campo da alfabetização, Soares (2020) compreende que aprender a ler e escrever envolve tanto a apropriação do sistema de escrita quanto a participação em práticas sociais de leitura e escrita. Da mesma forma, Ferreiro e Teberosky (1999) demonstram que a construção da linguagem escrita ocorre de maneira gradual, por meio de diferentes hipóteses elaboradas pelas crianças durante seu processo de aprendizagem.

Foi nesse contexto que se desenvolveu o presente relato de experiência, realizado em uma turma do 3º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública pertencente à rede municipal de ensino de Viamão/RS. A turma apresentava significativa heterogeneidade quanto aos níveis de alfabetização e



contava com estudantes público-alvo da Educação Especial, exigindo a implementação de adaptações curriculares, flexibilizações metodológicas e diferentes estratégias de mediação pedagógica.

Diante desse cenário, o presente estudo tem como objetivo analisar as contribuições das adaptações curriculares e das estratégias pedagógicas inclusivas implementadas em uma turma heterogênea do 3º ano do Ensino Fundamental para o processo de alfabetização, participação e aprendizagem dos estudantes.

MATERIAL E MÉTODOS

O estudo caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa, do tipo relato de experiência, desenvolvida em uma turma do 3º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública.

No início do ano letivo, a turma era composta por 26 estudantes, incluindo três alunos com diagnóstico de TEA e um estudante com diagnóstico de TDAH associado ao Transtorno do Desenvolvimento da Aprendizagem. Em relação aos níveis de escrita, identificaram-se nove estudantes em nível pré-silábico, um estudante silábico-alfabético, três estudantes alfabetizados com leitura mediana e treze estudantes alfabetizados com fluência considerada adequada para a etapa escolar.

As intervenções pedagógicas foram organizadas a partir de sequências didáticas voltadas ao desenvolvimento da consciência fonológica, da leitura e da escrita. O trabalho utilizou como referência o Programa Tempo de Aprender, contemplando o ensino sistemático dos fonemas e grafemas por meio do método fônico.

Inicialmente foram trabalhadas as vogais, seguidas das consoantes sustentáveis (V, F, J, L, M, N, R, S, X e Z). Cada letra foi associada a uma palavra-chave e a um texto temático utilizado para atividades de leitura, compreensão textual e produção de conhecimento.

A rotina de leitura foi organizada em etapas: numeração das linhas do texto, leitura silenciosa, leitura modelada pela professora, leitura compartilhada e atividades de sonorização dos fonemas estudados. Os textos também eram apresentados em cartazes e banners contendo pictogramas, favorecendo a participação de estudantes com dificuldades de comunicação oral.

Além das estratégias voltadas à alfabetização, foram desenvolvidas ações relacionadas ao fortalecimento dos vínculos afetivos, à construção de combinados da turma e ao desenvolvimento de habilidades socioemocionais.

Tabela 1: Caracterização da turma no início do Ano letivo.

Caracterização da turma	Quantidade de estudantes
TEA nível 3 de suporte	1
TEA nível 2 de suporte	1
TEA nível 1 de suporte	1
TDAH e Transtorno do Desenvolvimento da Aprendizagem	1
Pré-silábicos não leitores	9
Silábico-alfabético com leitura mecânica	1
Alfabetizados com leitura mediana	3
Alfabetizados com fluência razoável	13
Total de estudantes	26

Os dados apresentados na Tabela 1 evidenciam a heterogeneidade da turma investigada, tanto em relação aos níveis de alfabetização quanto às necessidades educacionais específicas presentes no contexto escolar.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Construção do ambiente de aprendizagem

Durante as primeiras semanas de aula, observou-se que uma das principais dificuldades da turma estava relacionada ao cumprimento das regras de convivência e à participação nas atividades coletivas. Dessa forma, tornou-se necessário desenvolver ações voltadas à construção de vínculos, ao reconhecimento das emoções e à elaboração de combinados que favorecessem a organização da rotina escolar.

Essa etapa mostrou-se fundamental para o desenvolvimento posterior das atividades de alfabetização. Conforme Wallon (1975), a afetividade exerce papel central no desenvolvimento humano, influenciando diretamente os processos de aprendizagem. De modo semelhante, Vygotsky (2007) destaca que a aprendizagem ocorre por meio das interações sociais e da mediação realizada pelos sujeitos mais experientes.

Organização do processo de alfabetização

As sequências didáticas desenvolvidas possibilitaram a articulação entre consciência fonológica, leitura e compreensão textual. A utilização do método fônico



favoreceu a identificação dos fonemas e das correspondências entre sons e letras, enquanto os textos utilizados ampliaram as oportunidades de letramento.

A leitura compartilhada permitiu que estudantes ainda não alfabetizados participassem ativamente das atividades, utilizando a repetição, a memorização e a observação dos colegas como estratégias de aprendizagem. Segundo Soares (2020), a alfabetização torna-se mais significativa quando ocorre em contextos reais de uso da linguagem.

Os diferentes níveis de escrita observados na turma foram analisados à luz da Psicogênese da Língua Escrita, proposta por Ferreiro e Teberosky (1999), possibilitando a elaboração de intervenções compatíveis com as hipóteses de escrita apresentadas pelos estudantes.

Adaptações curriculares para estudantes com TEA

As adaptações curriculares foram planejadas considerando as necessidades individuais de cada estudante, demonstrando que alunos com o mesmo diagnóstico podem demandar estratégias pedagógicas distintas.

O estudante com TEA nível 3 apresentava dificuldades significativas relacionadas à comunicação funcional, à coordenação motora fina e à participação nas atividades escolares. Nesse caso, o planejamento priorizou o desenvolvimento de habilidades precursoras da alfabetização, incluindo atividades de pareamento, modelagem e coordenação motora fina. Entre as propostas desenvolvidas destacou-se a utilização de uma pinça adaptada confeccionada com prendedor de roupa e palitos de picolé para a manipulação de blocos representando favos de mel. As atividades foram acompanhadas por instruções objetivas, reforço positivo e progressão gradual das demandas.

O estudante com TEA nível 2 não oralizado demonstrou habilidades de leitura e compreensão superiores às inicialmente observadas. Entretanto, apresentava dificuldades relacionadas à hipotonia muscular e à escrita convencional. Para garantir sua participação, foram utilizadas atividades de recorte e colagem, pareamento entre imagens e palavras, letras móveis, caça-palavras, quebra-cabeças e jogos pedagógicos. A avaliação ocorreu por meio de diferentes formas de resposta, permitindo que demonstrasse seus conhecimentos sem depender exclusivamente do registro escrito.

Os estudantes com TEA nível 1 apresentaram necessidades distintas. Para um deles, em processo de

alfabetização e com diagnóstico associado de TDAH e TOD, foram utilizados recursos visuais, tecnologias digitais, flexibilização das atividades e acompanhamento mais próximo durante a realização das tarefas. Para a outra estudante, alfabetizada e com interesse específico por desenho, o hiperfoco foi incorporado ao planejamento pedagógico como elemento motivador, favorecendo o engajamento e a participação nas atividades escolares.

Segundo Mantoan (2015), a inclusão escolar pressupõe a reorganização das práticas pedagógicas para atender às diferenças sem afastar os estudantes do ambiente comum de aprendizagem. Nesse sentido, as adaptações realizadas buscaram garantir o acesso, a participação e a aprendizagem por meio de diferentes estratégias, recursos e formas de avaliação.

Estratégias para estudante com TDAH e Transtorno do Desenvolvimento da Aprendizagem

O estudante com TDAH e Transtorno do Desenvolvimento da Aprendizagem apresentou avanços mais graduais ao longo do período analisado. Embora ainda se encontre em processo inicial de alfabetização, observou-se evolução no reconhecimento das letras do alfabeto, na identificação de palavras iniciadas por vogais e na organização das letras para formação de palavras.

Além do método fônico, foram utilizadas atividades baseadas na repetição das famílias silábicas, leitura de cartões com palavras simples e exercícios de combinação de sílabas. As observações realizadas indicaram que o estudante respondia positivamente a atividades estruturadas e à repetição sistemática dos conteúdos.

Os resultados reforçam a necessidade de diversificação metodológica e da articulação entre escola, serviços de apoio e demais contextos de desenvolvimento do estudante.

Perfil estudante	do Principais barreiras	Estratégias pedagógicas
TEA nível 3	Comunicação funcional, motricidade fina e participação	Modelagem, pareamento, pinça adaptada, reforço positivo e atividades funcionais
TEA nível 2 não oralizado	Hipotonia e dificuldade de registro	Letras móveis, recorte e colagem, jogos pedagógicos



Perfil estudante	do Principais barreiras escrito	Estratégias pedagógicas e diferentes formas de resposta
TEA nível 1 TDAH + TOD	+ Atenção, organização e participação	Recursos visuais, tecnologias digitais, atividades flexibilizadas e mediação constante
TEA nível 1	Regulação emocional e engajamento	Utilização do hiperfoco, flexibilização quantitativa e reforço motivacional
TDAH Transtorno do Desenvolvimento da Aprendizagem	Processo inicial de repetição de alfabetização e dificuldades persistentes	Método fônico associado à sistemática, famílias silábicas e acompanhamento individualizado

Evolução dos estudantes

Ao final do primeiro trimestre, observou-se redução significativa do número de estudantes em nível pré-silábico, passando de nove para três estudantes. Também foram identificados avanços nos níveis silábico, silábico-alfabético e alfabético.

Os resultados indicam que as estratégias inclusivas implementadas favoreceram não apenas os estudantes público-alvo da Educação Especial, mas toda a turma. Conforme Zabala (1998), a diferenciação das estratégias pedagógicas constitui um elemento essencial para atender às diferentes formas de aprender presentes no ambiente escolar.

Tabela 2. Evolução dos níveis de escrita durante o primeiro trimestre.

Nível de escrita	Início do ano	Final do 1º trimestre
Pré-silábico	9	3
Silábico	0	2
Silábico- alfabético	1	3
Alfabético	0	1

Nível de escrita	Início do ano	Final do 1º trimestre
Alfabetizados	16	17

Observa-se uma redução significativa do número de estudantes em nível pré-silábico, acompanhada do aumento dos níveis intermediários e alfabéticos. Esses resultados sugerem que as estratégias de alfabetização implementadas contribuíram para o avanço gradual da maioria dos estudantes da turma.

Tais resultados corroboram os pressupostos de Ferreiro e Teberosky (1999), ao evidenciarem que a construção da escrita ocorre por meio de sucessivas reorganizações das hipóteses elaboradas pelas crianças.

CONCLUSÃO

Os resultados observados evidenciam que a heterogeneidade presente nas salas de aula demanda planejamento flexível, diversificação metodológica e constante reorganização das práticas pedagógicas.

O trabalho desenvolvido demonstrou que as adaptações curriculares não se restringem à elaboração de atividades diferenciadas, mas envolvem a identificação das potencialidades, das barreiras e das necessidades específicas de cada estudante. Verificou-se que alunos com o mesmo diagnóstico apresentaram demandas distintas, exigindo intervenções individualizadas para garantir sua participação e aprendizagem.

Conclui-se que a construção de vínculos, o desenvolvimento de habilidades socioemocionais, a flexibilização curricular e a utilização de diferentes recursos pedagógicos contribuíram para o avanço dos estudantes e para a promoção de uma educação mais inclusiva. Além disso, as estratégias implementadas beneficiaram toda a turma, reafirmando que práticas inclusivas qualificam o processo educativo para todos os alunos.

AGRADECIMENTOS

Escreva os agradecimentos aqui.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva. Brasília: MEC, 2008.
- FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A. *Psicogênese da Língua Escrita*. Porto Alegre: Artmed, 1999.
- MANTOAN, M. T. E. *Inclusão Escolar: O que é? Por quê? Como Fazer?* São Paulo: Summus, 2015.



SOARES, M. *Alfabetização e Letramento*. São Paulo: Contexto, 2020.

VYGOTSKY, L. S. *A Formação Social da Mente*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

WALLON, H. *Psicologia e Educação da Criança*. Lisboa: Vega, 1975.

ZABALA, A. *A Prática Educativa: Como Ensinar*. Porto Alegre: Artmed, 1998.